

Grupo dos Sete inicia debate sobre crise da dívida externa

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Em meio a muitas expectativas e um grande sigilo, os ministros das Finanças e presidentes dos Bancos Centrais dos principais países industrializados, o Grupo do Sete, começaram ontem suas conversações sobre a adoção de medidas capazes de facilitar uma solução para a crise da dívida externa dos países do Terceiro Mundo. O encontro é o primeiro resultado concreto da inclusão desse problema entre as principais prioridades do governo americano, desde a posse do presidente George Bush, há apenas duas semanas.

Funcionários americanos não quiseram dar detalhes do *menu de opções* sobre a questão da dívida que está sendo analisado pelas autoridades financeiras dos Estados Unidos, Grã Bretanha, Japão, Alemanha Federal, Canadá, França e Itália. Alegaram que isso apenas serviria para alimentar especulações. Mas o fato é que a falta de informações só faz aumentar os rumores, embora haja bastante cautela nas previsões. Observadores advertem que nenhuma medida concreta deverá ser anunciada hoje, no fim da reunião.

□ O primeiro-ministro japonês, Noboru Takeshita (D), manteve ontem um encontro de três horas na Casa Branca com o presidente dos EUA, George Bush, inaugurando oficialmente uma visita de oito dias ao país. O assunto principal na pauta de conversações foi o pedido de Bush para que o Japão reduza seu superávit de US\$ 54 bilhões no intercâmbio comercial entre os dois países, ao permitir maior acesso ao mercado japonês dos produtos americanos. Takeshita, por sua vez, disse esperar que a visita sirva para consolidar uma política macroeconômica conjunta a nível mundial, como também discutir soluções para o problema da dívida externa do Terceiro Mundo. Takeshita afirmou que o Japão iniciará este ano um programa de cinco anos de ajuda financeira a países em desenvolvimento no valor total de US\$ 50 bilhões. Integrantes da comitiva japonesa informaram que o primeiro-ministro pediu a Bush que também se esforce para melhorar as condições do comércio internacional, reduzindo seu déficit público.

Esta é a primeira vez que o Grupo dos Sete se reúne para tratar de outro assunto que não seja a coordenação de uma política monetária visando a estabilizar o dólar nos mercados internacionais. Nas reuniões anteriores, os sete bancos centrais estabeleceram margens secretas, a partir das quais eles intervêm nos mercados mundiais, para manter as cotações sob controle. Não se espera nenhuma alteração nesse esquema, que está funcionando satisfatoriamente.

Além da questão da dívida do Terceiro Mundo, no entanto, a reunião de Washington está servindo para tratar dos esforços americanos para combater o gigantesco déficit fiscal, visto pelos demais países ricos como principal causa do atual desequilíbrio do comércio mundial. A economia dos Estados Unidos tem estado cada vez mais dependente de injeções de capital dos outros seis países ricos, principalmente do Japão e da Alemanha, que passaram a ser uma espécie de FMI para Washington: exigindo ajustamentos e aperto fiscal, como o fundo faz com o Brasil e demais países devedores.

As duas principais opções em termos de alívio da dívida do terceiro mundo que devem estar sendo conside-

radas, segundo várias fontes, são o fortalecimento dos organismos financeiros multilaterais, capacitando-os a ajudar os endividados, e a adoção de reformas fiscais para incentivar os bancos credores a concederem reduções substanciais dos débitos em carteira.

Desde a reunião do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em setembro, em Berlim, já vinham prosperando no Grupo do Sete idéias de alívio da dívida e de fortalecimento dessas duas instituições internacionais. Os Estados Unidos, que eram o principal obstáculo e derrubaram uma generosa proposta japonesa, agora parecem mais dispostos a ceder. O que não se sabe, porém, é até que ponto vai a guinada que Bush está dando.

Além disso, há sinais de uma séria divergência interna no Grupo dos Sete sobre qual organismo multilateral deveria ter o seu capital aumentado, para passar a apoiar mais efetivamente os países devedores do terceiro mundo. Os Estados Unidos são a favor de um papel predominante do Banco Mundial, presidido pelo americano Barber Conable, mas os europeus preferem que o FMI, presidido pelo francês Michel Camdessus, seja esse protagonista.

